



"Educação como prática de Liberdade":
cartas da Amazônia para o mundo!

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ (UFPA)
SET-OUT 2021

ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

9812 - Resumo Expandido - Trabalho - 40ª Reunião Nacional da ANPEd (2021)

ISSN: 2447-2808

GT13 - Educação Fundamental

O Sarau Virtual e o Ateliê Sensacional : virtualização da educação pública e (re)existência inventiva

Luciana Pires Alves - UFF - Universidade Federal Fluminense

O Sarau Virtual e o Ateliê Sensacional[1]: virtualização da educação pública e (re)existência inventiva

O presente trabalho visa comunicar as interrogações, os achados e as intervenções entre a Escola e a Universidade em periferias urbanas. Nossa pesquisa intervenção busca atuar num paradigma ético e estético, onde as práticas políticas são da ordem das potências brincantes, da presença próxima e da invenção. Ao nos encafiar nas redes digitais, apostamos na educação pública como criação em oposição às concepções bancárias. Nosso processo de invenção de um Sarau virtual e de um ateliê de sensações digitais emerge da tentativa de problematizar a virtualização educação pública pautada pelo pós-mídia. Apesar do acirramento das desigualdades sociais e da precarização ainda maior da vida produzidos pela crise sanitária da Covid-19, buscamos meios de enunciar coletivamente outros mundos possíveis. Defendemos a importância de discutir o processo de virtualização da Educação Pública, não só em termos de aulas on-line, mas também a possibilidade de produzir outros sonhos e sentidos com o meio digital e nas redes sociais. Nossos ateliês de sensação são tentativas de interagir com as crianças no mundo tátil-ótico dos smartphones e de desafiar o império do olhar para desbancar panorama do imperador. O Sarau é o instante efusivo de nossa (re)existência enquanto educação pública de qualidade socialmente referenciada.

Palavras- chave: Educação Pública, (re)existência, invenção, narrativas e o pós-mídia.

1 - Introdução:

O presente artigo visa apresentar o processo de pesquisa e extensão realizado entre Universidade e Escola Públicas[2] numa das tantas zonas cinzentas da sociedade, nomeadas como periferias urbanas. O engajamento do equipamento teórico-prático da Universidade com a Educação Básica se dá pela via da política da proximidade, partindo da intenção de dispor para a escola os equipamentos e saberes universitários. Nossos trajetos versam sobre as invenções com as crianças de nossos horizontes problemáticos as quais permitem elaborar coletivamente epistemologias que rivalizem com as linhas abissais de produção da não existência e da redundância e do descarte dos viventes desses territórios. Assim, nos dispomos a uma atuação que envolve: as poéticas do saber ou modos inventivos de criação de sentidos; as políticas da proximidade, porque não buscamos o distanciamento como atitude epistemológica, mas sim, nos dispomos à intimidade com a diferença e seu coeficiente de *dessubjetivação*[3] para compor uma zona de possíveis e de (re)existência.

(Re)existir assume a prática do pensar como insurreição contra as forças e formas de *reterritorializações* conservadoras da sociedade. Isso nos leva a perguntar, parafraseando Deleuze (2016): o que podemos contra tanta má-fé direcionada para a educação pública? Há uma deslealdade processual quando os modos de representação e as forças de *desterritorializar* o mundo agem sempre a favor de uma das partes em litígio. Esses são os privilegiados que habitam a condição de metro padrão[4]. Essa Injustiça Cognitiva se transporta e é alimentada pela transposição dos meios dos presenciais e analógicos para os virtuais e digitais, uma vez que vimos agudizar as desigualdades, na sociedade brasileira, com a crise sanitária causada pela corona vírus.

O capitalismo mundial integrado com sua financeirização de tudo, que antes da *sindemia*[5] de Covid-19, já produzia uma pauta planetária de enfrentamentos intensificou sua marcha e nos desafia a insurgência vital. A produção do conhecimento e a invenção de práticas educativas só fazem sentido na insurreição contra as forças de predação da vida em pelo menos em três vias. Como aponta Guattari (1992) em suas *Três Ecologias*: na ecologia social com os ataques aos direitos e seguridade das camadas trabalhadoras com a produção do precariado e a supressão de políticas públicas de bem-estar social; na ecologia ambiental contra a sanha devoradora do que resta de vida verde em nome da melhor reestruturação dos espaços pela lógica do encarecimento dos lugares que também prima pela destruição dos patrimônios históricos em nome dos futuros empreendimentos; na ecologia mental contra os cafetões da fé e pequenos proprietários do imaginário que contam com a fragilização cada vez maior de uma subjetividade através abuso perverso do colonialismo, que se reconfigura no capitalismo do rentismo global, cuja cafetinagem promete aos atravessadoxs, a volta dos anos dourados do passado, como afirma Rolnik (2018).

O Sarau Virtual e os ateliês de sensações são eventos e iniciativas que se configuram a partir dos estudos teórico e práticos a respeito da virtualização da educação pública potencializada pela crise sanitária. Nossas tentativas são de engajamento de nossas pesquisas e práticas educativas num paradigma ético-estético compreendendo o meio digital como um lugar de estar e as redes sociais como vias de invenção. Nosso trabalho coletivo visa criar, com os dispositivos tecnológicos atuais, os encontros com as potências de singularização que ainda podem estar em emergência nas camadas populares periféricas. Nos dispomos a criar relações de alteridade onde as pessoas estão, principalmente as crianças e as famílias da escola pública.

A interdição dos encontros físicos nos desalojou da sala de leitura e dos demais espaços escolares para o desafio de estar com as crianças no ciberespaço. Aprendemos com a prática que a virtualização da educação pública passa não só pelo acesso aos meios digitais e a possibilidade de fluir na internet. Como inventar diferentes maneira de criar e de comunicar em tensão com modos de produção de subjetividade pelo que Jonhson (2001) chama de cultura da interface e criar atrito contra a prevalência dos ícones e da sensação tátil ótica do click e do *touch screm*. A produção de outras sensibilidades esbarra no que Guattari (1992) apontou como uma era pós-mídia. Nela, o agenciamento de temporalidades tornado possível pelo remanejar da triangulação clássica (elo expressivo, o objeto referido e significação) gerado pela interatividade não trouxe necessariamente a liberdade pelos meios ou condenação a um perpétuo Big Brother. Defendemos a disputa pela produção da significação e invenção de sonhos, uma vez que a mutação tecnológica sozinha não abriu o campo das disputas para as camadas populares. O que constatamos foi o remanejar do contingenciamento e a segregação, uma vez que quase a totalidade de nossa comunidade escolar não circula livremente pelo ciberespaço ou tem recursos para produzir seus próprios materiais para expressar suas questões. Por isso, investimos nas fissuras para fazer “explodir o para-brisas sob o impacto de práticas moleculares alternativas” (Guattari, 1992, p.1).

2- Até os escombros tremem

A defesa da Educação Pública como bem comum de acesso amplo a todos foi o que nos levou ao encontro da luta pela (re)existência de uma escola centenária. Esse patrimônio público municipal de grande expressão para o cenário cultural da cidade que via ameaçado pela construção de um Shopping ao seu redor. Mesmo com o reconhecimento oficial, parte do prédio da escola desaba, em 2017, em decorrência da retirada das árvores do único espaço verde do centro da cidade situado ao lado da escola.

Sem as raízes profundas de sustentação, as redes da escola foram acionadas iniciando um circuito de (re)existência. Entre as tantas frentes abertas pelo enfrentamento, nosso trabalho se engajou com cotidianos. Junto a luta em campo aberto nos meios jurídicos e da grande visibilidade, nos apresentamos para a luta das trincheiras, entre tapumes e ruínas, buscamos cartografar e a intensificar as forças e os afetos num paradigma ético e estético com a escola.

Apostamos em uma metodologia de trabalho coletivo para traçar um platô comum entre as diferentes pessoas que se encontravam com escola no movimento de (re)existir. Para velar pela alegria e defendê-la inventamos o movimento do Sarau. Esse ocorria em momentos de interrupção das atividades ordinárias da escola pelo menos três vezes ao ano desde 2017. Também, nos ligamos na temporalidade escolar através da Sala de Leitura, que passou a atuar de forma experimental como um ateliê de experimentação com as infâncias.

Tenho como inspiração os Vagabundos Eficazes de Deligny, procuramos investir de forma estética na alteração das circunstâncias em torno das subjetividades marcadas por uma prematuridade social, principalmente através de uma sexualização precoce e pelo culto à violência. Longe das perspectivas redentoras morais ou revolucionárias, Deligny aponta para uma relação com a infância de proximidade, ao afirmar: “O que queremos com esses moleques é ensiná-los a viver, não a morrer. Ajudá-los, não os amar.” (Deligny, 2018, p.114)

Estávamos no movimento de pesquisa citado acima, quando sentimos o atravessamento da Covid-19. A peste fez a Terra tremer com sua única fita de RNA. Nós, que já lutávamos contra as investidas da gentrificação e das práticas de aniquilação empreendidas pelo capital mundial integrado, nos vimos abalar pela peste.

2- De tela em tela: as redes e a virtualização do cotidiano

Tomamos como pista o que Bentes (2020) chamou de virtualização da vida através do surgimento da casa-tela como realidade parcial de virtualização. Uma vez que para o grupo social majoritário em nosso campo de pesquisa, o que se observou foi a relação com o Pix da merenda, o Caixa Tem App, a espera por uma corrida no Uber ou de uma encomenda para ser vendida no Ifood. A realidade mais parece a música de Gil: A novidade. Porém, no paradoxo da sereia, resolvemos ir na contramão das forças políticas que insistem na guerra entre o poeta e o esfomeado para alimentar o sonho de ambos. A pesquisa, que já defendia um trajeto afeito à deriva e à espreita seguiu, abarroadada pela peste, em busca de (re)existir.

Recolhemos os fios dos encontros presenciais e tramamos nossa rede no digital. De modo aracniano (Deligny 2018), seguimos por um pesquisar que assume a invenção de sua artinha narrativa, que cria inclusive o que captura em suas malhas. Então, tecemos e uma malha entre os grupos de WhatsApp das turmas e das professoras, disparando poesias, músicas e disponibilidade de atuar coletivamente às demandas da comunidade escolar. Fomos desafiadas pelas situações do aplicativo da Caixa Econômica Federal para o recebimento do Auxílio Emergencial, do Pix da merenda e pelo não recebimento por parte das crianças de dispositivos e pacotes de internet. Nossa malha chega até as crianças, descobrimos que elas

conseguem acessar o Tik Tok e o Youtube gostam de fazer vídeos de dança e os publicam nas páginas das mães e irmãos mais velhos. A partir dessa descoberta, criamos o movimento de Sarau Virtual e alteramos a natureza de nosso ateliê para atuar com vídeos feitos pelas crianças e suas famílias.

A estratégia do ateliê é de acompanhamento e recebimento dos clipes e vídeos de dança feito pelas crianças e de sugestões de experimentações que não suscitem diferentes sensações. O Sarau Virtual mobiliza a comunidade acadêmica para que tenhamos gente para cantar, fazer rimas, ensinar uma dança entre outras possibilidades artísticas e fazemos uma transmissão pelo Facebook e pelo Youtube entremeando as apresentações enviadas pelas crianças e as intervenções artísticas. As transmissões ao vivo são feitas sábado depois do almoço, horário em que as crianças têm acesso liberado ao aparelho celular dos adultos, porque esses não estão trabalhando nos aplicativos.

Ao todo cada Sarau conta com duas horas de programação e chega a 500 visualizações, o que corresponde a totalidade da comunidade escolar. Criamos coletivamente uma página no Facebook para o Sarau, onde a comunidade escolar interage ao contar histórias e é um veículo de informações sobre os destinos da preservação da escola, enquete informal sobre a criação de um parque onde forma retiradas as árvores e planejamento coletivo sobre o que fazer com imóveis vazios ao redor da escola, uma vez que o tombamento do prédio escolar dificultou a construção do shopping e os espaços estão sem destinação, sendo um quarteirão fantasma.

3- O real resiste!

O presente artigo procurou narrar o Sarau como experiência de (re)existência política através da arte e da alegria contra os avanços das lógicas rentistas sobre os lugares e o impacto da sindemia de Covid-19. Compreendemos que nosso trabalho mescla ensino, pesquisa e extensão contribuindo para os campos de saber comprometidos com a educação pública em seus diferentes níveis e a possibilidade de pesquisar como intervenção nas circunstâncias de vida e *dessubjetivação*.

O Sarau e o ateliê são feitos do enfrentamento e do atrito micropolítico contra as políticas cercamento e de enquadramentos das camadas populares; da sanha devoradora do rentismo e da especulação; da presença da infância criminalizada e *matável* das periferias urbanas. Vivemos a “guerra magia” nas “trincheiras da alegria” do cotidiano com o veio diário de gestação do Sarau em cruzamento com a guerra a céu aberto, dos movimentos sociais. A luta, a festa, a prática e a teoria educativas se engajam com a arte e seu potencial para o viver, que em tempos e em políticas de morte, é o tudo o que nos resta!

Referências:

BENTES, Ivana. *A virtualização da vida*. IN: Duarte, Luisa e GORGULHO, Victor. **No Tremor do mundo. Ensaio e entrevistas à luz da pandemia**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2020.

DELIGNY, Fernand. **Os Vagabundos Eficazes**. São Paulo: n-1 edições de 2018.

DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. **Mil Platôs. Capitalismo e Esquizofrenia**. VOL.1 São Paulo: Ed 34, 1995.

JOHNSON, Steven. **Cultura da interface: como o computador transforma nossa maneira de criar e comunicar**. Rio de Janeiro, 2001.

KRENAK, Ailton. **A vida não é útil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

GUATTARI, Félix. **Caosmose. Um novo paradigma estético**. São Paulo: Ed.34, 1992.

ROLNIK, Suely. **Esferas da Insurreição. Notas para uma vida não cafetinada**. Junho, 2019.

[1] Devido o critério de anonimato o nome completo da experiência não foi revelado.

[2] O nome e a localização das instituições não foram inseridos para não ferir o anonimato.

[3] Compartilhamos da visão de Agamben sobre a possibilidade de desconstrução ou de deslocamento do sujeito em atrito.

[4] A questão do *metro padrão* é apresentada por Deleuze e Guattari (1995) como um modo de avaliar a diferença fazendo com que a relação de minoria e maioria existam não em dimensões quantitativas, mas nas formas de valorar as existências. O metro padrão tem a ver com as relações de poder e força nas valorações da representação: o homem-branco-masculino-adulto é um padrão.

[5] Segundo o CEE da FIOCRUZ (site: <https://cee.fiocruz.br>) , a questão da Covid-19 se aproxima do conceito de sindemia, uma vez que o vírus não age sozinho, mas em combinação com outras doenças e as desigualdades sociais têm uma função essencial nessa combinação e sinergia.